

Notas sobre ética na sociedade tecnológica

Notas sobre ética en la sociedad tecnológica

Notes on ethics in the technological society

Nei Jairo Fonseca dos Santos Junior¹

Resumo

O objetivo deste texto é apresentar uma reflexão sobre os temas da ética e da sociedade tecnológica. Vivemos num mundo onde os avanços da tecnologia misturam-se cada vez mais com os efeitos danosos do seu desenvolvimento. Para elaborar a situação que vivemos hoje é imprescindível compreender o desenvolvimento histórico e cultural que nos trouxe até aqui. Ainda que as características da sociedade tecnológica sejam únicas e um tanto quanto recentes, elas começaram a ser esboçadas há mais tempo. A discussão sobre os temas da ética e da moral foi impactada por inúmeros acontecimentos inéditos. As duas guerras mundiais e os totalitarismos trouxeram a ameaça de armas de destruição em massa, de massacres e genocídios. Em tempos mais recentes, na década de 1960, grandes questões estimularam as discussões sobre a relação dos direitos civis com minorias excluídas da sociedade. Soma-se a esse novo estado de coisas o risco da manipulação genética, decorrente dos avanços no campo da biologia. Outros dilemas, como a degradação do ambiente, a pobreza, a injustiça social e a exploração do trabalho estimularam as reflexões sobre a relação entre ética e tecnologia. O fio condutor desse escrito é desenvolvido a partir da tensão entre sociedade e tecnológica, que foi capaz de causar grandes problemas para a humanidade, por isso, exige, diante do desafio de deliberar sobre problemas práticos, uma responsabilidade que não mais se restringe ao âmbito das relações subjetivas.

Palavras-Chave: Ética; Sociedade; Moral; Tecnologia; Filosofia.

Resumen

El objetivo de este texto es presentar una reflexión sobre los temas de ética y sociedad tecnológica. Vivimos en un mundo donde los avances tecnológicos cada vez más mezclados con los efectos perjudiciales de su desarrollo. Para la elaboración de la situación que vivimos hoy es fundamental para comprender el desarrollo histórico y cultural que nos trajo aquí. Aunque las características de la sociedad tecnológica son únicas y algo reciente, comenzaron a esbozarse. La discusión sobre los temas de la ética y la moral fue afectada por numerosos eventos sin precedentes. Las dos guerras mundiales y totalitarismos han traído la amenaza de las armas de destrucción en masa, masacres y genocidios. En tiempos más recientes, en la década de 1960, principales cuestiones estimulan debates sobre la relación de los derechos civiles con las minorías excluidas de la sociedad. Añadido a esta nueva situación el riesgo de manipulación genética, como resultado de avances en el campo de la biología. Otros dilemas, tales como la degradación ambiental, pobreza, injusticia social y explotación de la obra estimulan las reflexiones sobre la relación entre ética y tecnología. El leit motiv de esta escritura se desarrolló de tensión entre sociedad y tecnología, que era capaz de causar grandes problemas para la humanidad, así lo requiera, el reto de resolver problemas prácticos, una responsabilidad que no más restringe el ámbito de las relaciones subjetivas.

Palabras claves: Ética; Sociedad; Moral; Tecnología; Filosofía.

Abstract

The objective of this text is to present a reflection on the themes of ethics and technological society. We live in a world where advances in technology increasingly mixed with the damaging effects of your development. To elaborate the situation we live in today it is essential to understand the historical and cultural development that brought us here. Although the characteristics of the technological society are unique and somewhat recent, they started to be outlined. The discussion on the topics of ethics and morals was impacted by numerous

¹Licenciado em Filosofia; Mestre em Filosofia; Doutor em Educação; Bento Gonçalves, RS, Brasil. Professor Efetivo do IFSul – Novo Hamburgo, Brasil; neifonseca@hotmail.com

unprecedented events. The two world wars and totalitarianism have brought the threat of weapons of mass destruction, massacres and genocides. In more recent times, in the Decade of 1960, major issues stimulated discussions about civil rights relationship with minorities excluded from society. Added to this new State of affairs the risk of genetic manipulation, as a result of advances in the field of biology. Other dilemmas, such as environmental degradation, poverty, social injustice and exploitation of work stimulated the reflections on the relationship between ethics and technology. The leitmotif of this writing is developed from tension between society and technology, which was capable of causing major problems for mankind, so requires, on the challenge of resolving practical problems, a responsibility which no longer restricts the scope of subjective relations.

Keywords: Ethics; Society; Moral; Technology; Philosophy.

1.Introdução

A ética é uma das áreas que tem despertado muito interesse no âmbito dos estudos de temas filosóficos, em especial porque está vinculada à nossa experiência cotidiana, provocando-nos a uma reflexão sobre os valores que nos orientam, o sentido das ações que iniciamos e o modo pelo qual tomamos decisões e manifestamos posturas de responsabilidade no curso de nossa vida. Observamos que hoje, a título de exemplo, um expressivo número de profissões apresenta seus códigos de ética, numa aposta de sistematizar os princípios de diretriz para seus profissionais. Entretanto, consideramos que vivemos uma crise ética que se estende desde o contexto político do país, atravessando por questões de corrupção, que recebem variadas tentativas de justificativas, até problemas de relacionamento, que pertencem ao âmbito privado do sujeito.

O tema da ética recebe, na tradição filosófica ocidental, um lugar de relevo. Etimologicamente, a palavra “ética” provém do termo grego *ethos*, que expressa o conjunto de costumes, hábitos e valores de uma determinada sociedade ou cultura. Os romanos, por sua vez, traduziram o *ethos* para o termo latino *mos, moris*, dos quais decorre *moralis*, que deu origem à palavra moral em português.

Para dar sentido à razão pela qual é importante submeter a ética à investigação filosófica, devemos compreender a ética não como uma coleção de regras, mas como um conjunto de procedimentos que devemos aplicar a circunstâncias muito complexas de nossas vidas. Temos noção que, em geral, é errado mentir, mas também temos noção de que há algumas circunstâncias nas quais a mentira pode ser justificada. Além do mais, as nossas várias considerações éticas frequentemente entram em conflito, por exemplo, as promessas que não podemos cumprir, ou sermos constrangidos a mentir para não quebrarmos uma promessa. Fica evidenciado que, para fazermos boas escolhas, não é suficiente o simples conhecimento das regras que deveríamos seguir. Devemos saber conciliar tais regras as

nossas circunstâncias e, para fazer isso eficientemente, devemos saber porque certas posturas éticas são justificadas.

Os estudos sobre ética têm crescido expressivamente no campo da bibliografia contemporânea em filosofia e ciências humanas. São muitos e diversos os livros e artigos sobre a reflexão ética, estendendo-se desde a metaética e a ética fundamental até a ética aplicada aos mais variados ramos da atividade humana. As razões que podem desvendar esse interesse pelos temas éticos são muitas e complexas. O termo ética destaca-se nos mais variados debates contemporâneos, seja na literatura especializada, seja no contexto político ou na comunicação de massa. É incontestável, de outro modo, o esfacelamento semântico do termo ética nessa sua alocação incessante por tantas formas diferentes de linguagem. Um estudo sobre a ética deve se debruçar preliminarmente a delinear o horizonte semântico a partir do qual o termo ética será abordado e a definir assim, em primeira aproximação, o universo discursivo ao qual se aplicarão suas investigações e suas reflexões.

Na filosofia, o âmbito que se ocupa da reflexão sobre a moralidade humana recebe a denominação de ética. Ética e moral têm significados próximos e, em geral, referem-se ao conjunto de princípios ou padrões de conduta que regulam as relações de homens e mulheres com o mundo em que vivem.

De acordo com Puig (1998, p. 15), um projeto educacional amparado em tais princípios deve se transformar em um âmbito de reflexão individual e coletiva que permita elaborar racionalmente e autonomamente princípios gerais de valor, princípios que ajudem a defrontar-se criticamente com realidades que não promovam a vida. De maneira específica, para o autor, a educação ética e moral deve desenvolver leituras críticas da realidade cotidiana e das convenções morais vigentes, de modo que contribua para a elaboração de formas mais justas e adequadas de convivência.

Ainda pensando os vínculos entre ética e educação, Cortina (2003, p. 113) entende que a educação do cidadão e da cidadã deve considerar a dimensão comunitária das pessoas, sua perspectiva pessoal e também sua capacidade de universalização, que deve ser exercida dialogicamente, desse modo, elas poderão auxiliar na construção do melhor mundo possível, demonstrando protagonismo e responsabilidade pela realidade social. Exercitar a dimensão comunitária, dialogar com as realidades cotidianas e com os costumes morais vigentes nos remete ao cuidado com a diversidade humana, com a abordagem e iniciativas de ações que enfrentem as exclusões, os preconceitos e as discriminações resultantes das distintas formas de deficiência e pelas diferenças sociais, econômicas, educacionais, religiosas, entre outras.

A urgência de uma reflexão ética abrangente é manifestada a partir da crise ecológica; do perigo de novas guerras de dimensões planetárias; da questão do reconhecimento do direito das minorias, da fome, da miséria no mundo. A mais recente reestruturação das relações globais e da crise ecológica, marcadas pelos problemas oriundos da sociedade industrial e da crise de racionalidade cientificista, fez reaparecer a exigência da justificação das normas fundamentais da ação humana. O mundo moderno apresenta, entre outras características, o incisivo descompasso entre a velocidade do desenvolvimento da tecnologia e o silenciamento ético que se formou a partir da invalidade dos sistemas tradicionais de valores.

A sociedade moderna é percebida, entre outros aspectos, como pluralista, ou seja, ela se constitui como tensão permanente entre diferentes cosmovisões. A reflexão ética, a partir dessa tensão, acontece em meio a suspeita de que qualquer aposta de fundamentação de normas universais não escapa a generalização indevida das normas próprias a uma determinada cosmovisão, a um determinado sistema de valores. É uma consequência óbvia que a generalização obscura dos valores e cosmovisões desemboca na banalização das decisões a serem tomadas, uma vez que tudo é provisório e fugaz.

Para pensar a ética numa sociedade que carrega o individualismo como sentido, é preciso elaborar as dificuldades de sua legitimação, em que as pessoas aparecem enclausuradas nos seus próprios interesses e impulsos de vida. E, como resultado, a vida social não passa de indivíduos perseguindo fins individuais. A configuração de nossa sociedade atual e seu vínculo com o sistema mundial de produção, proporciona que as decisões e as ações humanas tenham consequências que ultrapassam os âmbitos limitados de seu mundo de vida imediato.

A nossa capacidade de cooperar com os outros surge como temática no rol das discussões éticas, e mesmo ela explicando uma boa parte de nossa potência de agir moralmente, ela não possibilita uma explicação completa. Na vida, entre a riqueza das situações vivenciadas, nem sempre a cooperação é uma demanda.

Nós não dependemos de todas as pessoas que encontramos e, certamente, poderíamos tratá-las mal e, ainda assim, não prejudicar nossa habilidade de cooperar com àqueles dos quais dependemos. Assim sendo, a necessidade de cooperar não explica nossa capacidade ou desejo de agir bem em relação àqueles dos quais não dependemos (FURROW, 2007).

A explicação sobre a motivação do altruísmo parece não ser suficientemente compreendida pela postura da cooperação, mesmo que levemos os interesses dos outros em consideração. Por não envolver interesse próprio e por poder exigir o sacrifício de nossos

interesses, o altruísmo é um aspecto intrigante no exercício de pensar a ação moral. É a partir dos novos desafios tecnológicos postos ao homem contemporâneo que se deve novamente reapresentar a pergunta a respeito dos fins últimos que dão sentido à vida humana, tanto em seu âmbito privado, quanto público.

Cabe fazermos referência ao Renascimento nesse debate sobre ética e moral. Durante o Renascimento, período que compreende os séculos XV e XVI, ocorreram significantes mudanças, cujas inquietudes já se faziam sentir no final da Idade Média. Se configuravam alguns acontecimentos marcantes: surgimento da burguesia; desenvolvimento da economia capitalista; Reforma Protestante e as grandes navegações. Nesse contexto, surgia um novo indivíduo, determinado pela confiança na razão e na capacidade de transformar o mundo.

A expressão “humanismo” recebeu sentidos diferentes ao longo da história do pensamento. O Renascimento aborda tal expressão a partir de um renovado interesse pelo humano, em divergência ao privilegiado foco sobrenatural, na Idade Média. Ocorreu um retorno ao estudo das obras clássicas greco-romanas, transpondo a interpretação teológica medieval. O Estado moderno, por sua vez, configurou-se pelo monopólio de fazer e aplicar leis e ser o único a deter o uso legítimo da força.

Diferente da maioria das nações europeias, a Alemanha e a Itália permaneciam divididas em inúmeros Estados, muitas vezes, sujeitos a disputas internas e adversidades entre cidades vizinhas e de outras nações. Nicolau Maquiavel (1469-1527), responsável por elaborar a moderna versão da política, viveu em Florença, na Itália.

Para Maquiavel, a moral política diverge da moral privada, uma vez que a ação política não pode ser direcionada por uma arquitetura de valores, fornecidos *a priori*, como até então ocorria. A nova ética política pondera as ações, tendo em vista as consequências, ou seja, os resultados alcançados. Essa perspectiva não engendra o amoralismo, mas uma nova moral intermediada nos critérios de avaliação do que é útil à comunidade, pois a moral é pensada sob o horizonte do bem da comunidade. Por isso, em situações pontuais, pode ser legítimo o recurso ao emprego da força coercitiva do Estado, o método da violência, etc.

O pensamento de Maquiavel provoca-nos a examinar a situação ambivalente do governante, que se encontra impedido de aplicar o código moral que rege sua vida pessoal à vida política. Fica perceptível o esforço do autor em criar uma nova concepção de política, distanciada da concepção normativa dos gregos. Maquiavel, ao propor a “secularização da política”, divorciou-a do amparo religioso e inaugurou uma nova maneira de operacionalizar a moral da política, pela qual os valores não são dados de antemão, mas se baseiam na realização dos interesses coletivos.

Compete, portanto, ao próprio governante constituir caminhos. Lefort nos auxilia a compreender esse desafio:

Em definitivo, em nenhum lugar está traçada a via real da política. [...] O príncipe deve acolher a indeterminação e [...] se ele renunciar à ilusória segurança de um fundamento terá a chance de descobrir, na paciente exploração dos possíveis, os sinais da criação histórica, e de inscrever sua ação no tempo. (LEFORT, 1988. p. 432).

O desafio que Maquiavel enuncia pode ser dimensionado no exercício de revisar os critérios da ética política conforme as circunstâncias e sempre tendo em vista os fins coletivos. É preciso estarmos atentos para o sentido singular do pensamento de Maquiavel, na medida em que ele expressa a conjuntura da sua época, ou seja, a defesa do Estado absoluto e a valorização da política secular, não amparada à religião.

A modernidade, expressa no período que se esboçou no Renascimento e desenvolveu-se na Idade Moderna, alcançando seu auge na ilustração do século XVIII, aponta para o paradigma de racionalidade que busca se libertar de crenças e superstições, fundando a potencialidade da razão na própria subjetividade e não mais na autoridade, seja ela política ou religiosa. Discorrer sobre a modernidade para exercitarmos o pensamento ético e moral é significativo em razão dela representar a configuração de um processo que modificou a imagem do próprio ser humano e da construção do mundo que o cerca. A inquietude de novos enganos levou pensadores a priorizar o problema do conhecimento, o que os obrigou a um reexame metafísico.

A moderna civilização tecnológica sugere que homens e mulheres abriram uma via na qual não podem mais parar os avanços com uma ousadia cada vez maior. É como se estivéssemos condenados ao progresso e o único caminho que nos resta é o futuro, que não sabemos ao certo onde fica.

Feitos alguns contornos, podemos levar adiante nossa reflexão sobre a ética e a sociedade tecnológica, na esperança de desenvolvermos alguns elementos em nossas vidas morais que fazem sentido e como eles se convergem numa visão mais abrangente da vida ética. Um caminho possível para compreender nossa visão ética é empreender algumas de suas implicações históricas, partindo de uma negação de doutrinas amparadas prioritariamente em autoridades, realizando uma abordagem crítica de crenças para avaliar se elas suportam nosso refinamento. De maneira geral, a filosofia moral nos permite avaliar se a narrativa que contamos a nós próprios sobre o nosso contexto moral é razoável ou não.

As teorias dos princípios éticos que influenciam nossa tradição moral (utilitarismo/deontologia) são expectativas do século XVIII, devotadas a examinar os

privilégios hierárquicos que tinham caracterizado as monarquias europeias até então. Hoje, nos deparamos com um desafio diferente. Compreender o que compete à ética. O desenvolvimento da ciência, iniciado na Idade Moderna, desdobra-se do impulso adquirido por ela durante o século XX. Contabilizando inúmeras descobertas, houve também o avanço, sem precedentes, em conquistas tecnológicas.

Entramos no século XX a cavalo. Sairemos dele a bordo de naves especiais. Ingressamos neste século morrendo de febre tifoide e varíola, e nos despediremos dele tendo vencido essas doenças. Na virada do século XIX, transplantes de órgãos eram inconcebíveis, enquanto na virada desse século muitos terão sobrevivido porque o coração o outro órgão vital de uma outra pessoa os sustenta. Em 1900, a expectativa de vida humana era de 47 anos. Hoje é de 75. Adentramos este século comunicando-nos a curta distância o recém-inventado rádio. Hoje enviamos sinais e imagens coloridas através de bilhões de quilômetros no espaço. (BRODY, 1999, p. 396).

Em termos gerais, observamos que a ciência tem proporcionado um conhecimento mais expressivo do mundo e ampliado significativamente os poderes humanos. Contudo, não podemos silenciar o risco de seus efeitos perniciosos, como o uso de utensílios de guerra, o estremecimento ecológico ou a veracidade das informações. Esses problemas não se devem à ciência ou à tecnologia de maneira isolada, mas ao uso que delas as pessoas fazem. Nossa condição de agentes morais, nos atravessa pelo dever de preocupar-se com todos, cujo bem-estar possa ser perturbado pelo que nós fazemos, seja agora ou no futuro.

Na Idade Moderna as ciências da natureza, manifestadas por um novo método, encontram a possibilidade de um questionamento mais profícuo da realidade, permitindo um maior poder de transformação da natureza. Cabe ressalvamos, que o poder da ciência e da tecnologia é confuso, porque pode estar promovendo a vida ou a abreviando. Daí a necessidade da reflexão ética ser compreendida como um exercício necessário e constante. Os estudiosos da filosofia moral abordam a ética de muitas perspectivas diferentes, apresentando, a partir de teorias clássicas, elementos plausíveis, os quais dificilmente surpreendem, pois foram examinados por pensadores reconhecidos por suas comunidades. Ainda assim, há muitas teorias que conflitam umas com as outras. Ficamos querendo saber em que acreditar.

Compreender a racionalidade como forma de registro dos seres humanos, exprime, em alguma medida, que somos capazes de selecionar alguns fatos como razões para nos comportarmos de um modo ou de outro. Nós podemos estabelecer vínculos entre tais razões e pensar sobre elas. Em vista disso, se uma ação nos ajudar a estabelecer concordância com nossos desejos e nossas necessidades, em resumo, se promover nossos interesses, então nós a tomamos como uma razão para fazê-la.

A ética, para os antigos gregos, é distinta da moral, pois corresponde às ações refletidas. Para logarmos uma vida ética, é primordial se conhecer, pensar naquilo que se faz, praticando o pensamento de Sócrates: “Uma vida que não merece ser pensada não merece ser vivida”. O que vale, sendo assim, no contrário de agir de acordo com a moral. Além dos questionamentos que levantamos para desenvolver esse texto, finalizaremos, motivados pelas reflexões de Sócrates, com a seguinte indagação: quando procedemos eticamente, o que procuramos? Na investida para responder a tais indagações, alguns pensadores, tais como Aristóteles, afirmaram que uma vida ética consiste em procurar a felicidade; outros, assim como Kant, disseram que ela consiste em agir de acordo com o dever.

2. Conclusão

Pensar sobre a ética, a título de considerações finais, revela que a reflexão ética está relacionada com o movimento de liberdade, operado pelo nosso pensamento, diante da possibilidade de que as coisas deveriam ser diferentes do que são, e a convicção de fazer com que aquele futuro se efetive. O exercício indispensável é o de desenvolver a validade racional às regras morais.

A necessidade urgente de pensar a ética vem do fato de que nós, seres humanos, somos em tempos de tecnologias abundantes, mais do que nunca compreendidos a considerar o que vivemos e a interferir na ordem das coisas, sob o castigo de, caso contrário, não nos reconhecermos mais nem no mundo, nem na nossa condição de vida em sociedade, na relação com os outros. Como devemos agir diante de questões radicalmente novas? Para responder a essa demanda, não basta mais o testemunho de especialistas nem as teorizações dos filósofos. É preciso ampliar o debate para ouvir especialistas de diversas áreas e o público geral. A expansão do campo de operacionalização da ética, extravasou a atenção exclusiva com o ser humano e nos fez perceber a Terra como um todo com seu ecossistema. Ao nos recolhermos as posições de conforto, podemos rumar para aquele ponto em que a ausência de sentido cede lugar à barbárie, a negação da existência e da vida enquanto tal, sob pena de impossibilitarmos uma vida sustentável para as futuras gerações.

Referências

BRODY, David Eliot, BRODY, Arnold R. *As sete maiores descobertas científicas da história*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CORTINA, Adela. *O fazer ético – Guia para a educação moral*. Tradução de Cristina Antunes. São Paulo: Moderna, 2003.

FURROW, Dwight. *Ética: conceitos-chave em Filosofia*. Porto Alegre: Artemed, 2007.

LEFORT, Claude. *Le travail de l'œuvre: Machiavel*, Paris, Gallimard, 1986.

PUIG, Josep Maria. *A construção da personalidade moral*. São Paulo: Ática, 1998.